

**IMORTAIS DA ACADEMIA**  
**EPISÓDIO 16 – GATO NA CADEIRA DE VELUDO AZUL**

**01:00:17:14**

**ABERTURA**

**01:00:22:07**

**OFF**

Quarenta cadeiras que acolhem passado e presente,  
Arte e ciência, pensamento e memória,  
Legando o que há de mais notável na literatura brasileira.  
A cada episódio, uma cadeira a revelar gerações de brasis.  
Sob o teto da Academia Brasileira de Letras,  
Assenta-se o nobre e glorioso domínio da imortalidade.

**01:01:03:08**

**VIDEOGRAFISMO – Imortais da Academia**

**01:01:21:18**

**Lya Luft**

Porque ler a Lygia? Primeiro para ter uma extraordinária, encantadora lição de linguagem. Você começa amar mais a sua língua se você ler a Lygia. Segundo para penetrar num universo, vasculhar a alma humana. Homens, mulheres, jovens ou não, de uma maneira muito perspicaz, muito sofisticada, muito fina e muito humana. A Lygia é uma pessoa cálida. Ela tem uma personalidade assim. A literatura dela é assim. Eu acho que uma grande lição de linguagem e uma grande lição de humanidade também.

Lygia Fagundes Telles – Posse em 1987

**01:02:04:23**

**VIDEOGRAFISMO – Cadeira 16: Gato na cadeira de veludo azul**

**01:02:12:09**

**Lya Luft - Escritora**

Eu estive na casa dela algumas vezes como amiga, pra tomar um café, para almoçar, para jantar. Vi gato na casa dela, mas eu nunca fui muito chegada a gatos. Eu sei que ela gosta muito de gatos, eu acho que pela coisa enigmática, um gato é um enigma. Um cachorro é um safado brincalhão, aquela estória. O gato, ele fica assim no sofá te encarando, aquela coisa meio de magia. É uma coisa meio de bruxa, de feiticeira. Eu nunca conversei muito com a Lygia sobre gatos, mas eu percebo isso, que tem alguma coisa haver com ela, um certo magnetismo, um certo enigma, uma coisa meio enigmática.

**01:02:50:57**

**Antonio Dimas – Doutor em literatura**

Eu fiz uma vez um texto sobre a Lygia que eu dizia que ela era uma pessoa que tinha garras de veludo. E eu sei que o gato também desempenha um papel importante na vida da Lygia, ele gosta muito desse bicho, etc e tal. E eu acho que ela tem muito de felino na sua narrativa. Quer dizer, de situações que são aparentemente doces, que são aparentes calmas, tranquilas, e que de repente vira tudo no avesso, e você não sabe como vira tudo um desastre, mas que não fica, digamos assim, não fica aquela gritaria dentro

do texto. Quer dizer, as coisas vão se dando numa forma aparentemente natural. Eu acho que, nesse sentido, é um narrador enganoso, quer dizer, atrás da beleza, da elegância que se confunde com da autora, uma mulher sempre bonita, muito bem arrumada, muito fina, de gestos leves, mas com um olho, uma percepção meticulosa, microscópica, capaz de surpreender qualquer deslize, qualquer bobaginha em torno de si. E aí esse narrador meio que se vinga, quer dizer: “Olha, vejam vocês, eu estou sentado aqui elegante, bonita, com meu colar de pérolas impecável, mas eu sei do que está acontecendo. Não queiram me enganar.”

**01:04:20:04**

**OFF**

Ele fixaria em Deus aquele olhar verde-esmeralda com uma leve poeira de ouro no fundo. E não obedeceria porque gato não obedece. Quando a ordem coincide com sua vontade, ele atende mas sem a humildade do cachorro, o gato não é humilde, ele traz viva a memória da liberdade sem coleira. Despreza o poder porque despreza a servidão. Nem servo de Deus. Nem servo do Diabo”.

*Sou um gato*

Lygia Fagundes Telles

**01:05:03:20**

**Lya Luft - Escritora**

Eu ainda não tinha publicado nenhum romance, eu tinha crônica, fiz crônica de jornal a vida inteira. Eu tinha livro de crônica, tinha livro de poesia. E eu estava então com trinta e tantos anos e fui fazer o meu segundo mestrado. O primeiro foi de linguística, e eu fui professora alguns anos, depois eu quis fazer na Federal, na Universidade Federal, literatura brasileira e português. E escolhi pra fazer o meu mestrado de literatura brasileira, o livro da Lygia, pelo qual eu sou apaixonada até hoje, que é “As meninas”, que eu acho que, inclusive, é um livro muito silenciado. Você não ouve quase falas As meninas, e é um romance absolutamente extraordinário, do ponto de vista psicológico, da linguagem e etc. Então eu fui pra São Paulo, fiquei uma semana hospedada num hotel perto da casa dela. Ela era casada já com Paulo Emílio, e ela foi muito generosa, ela me abriu a casa, e acabou se formando uma bela amizade. E nós trocávamos muitas cartas. Era uma época pré computador, pré e-mail, pré tudo. E ela disse, me escreveu em vários cartões ‘você escreve tão bem, suas cartas são tão interessantes, tão bonitas. Faça ficção. Lyz, você é uma ficcionista.’ Me lembro da frase com aquela letra dela assim. E eu acho que entrar bem na literatura de Lygia toda, foi uma coisa extremamente estimulante. De ver então, bem de perto, estudando, lendo, relendo, a magia que as palavras contém. Eu me dei conta assim de uma maneira, tipo um punhal no coração, da escolha que ela faz dos vocábulos, a construção de algumas frases dela, evoca tanta coisa, desperta de tal modo, ou como elas diz tamanhamente a imaginação. Eu fiquei muito apaixonada pela literatura, e acabamos ficando grandes amigas depois.

**01:06:59:08**

**OFF**

Lygia, em sua posse na ABL, não poupou menções ao patrono de sua cadeira:

O satírico do século dezessete, o boca do inferno, liberto e libertino – nas palavras dela – Gregório de Matos.

O poeta, de fato, teve a polêmica sempre em derredor.

Desde os escritos provocativos ao seu tempo,

Até as imprecisões biográficas que até hoje geram dúvidas sobre a autoria de alguns textos.

**01:07:35:09**

**Antonio Dimas – Doutor em literatura**

O grande problema do Gregório, é um problema, quer dizer, é o fato de que não havia condições materiais naquele momento, de impressão. Quer dizer, não existia imprensa. Quer dizer que era uma poesia que circulava quase que oralmente através de, quase como as estórias do Malasarte – “Ah, eu ouvi”, “Quer saber a última do Gregório?” Então alguém que recitava. Isso no plano da circulação, no plano da circulação. Agora no plano da poesia especificamente, está mais uma vez ligado a essa primeira arrancada nativista, digamos assim, porque, o Gregório é muito, tem duas, ou três, ou quatro fileiras de poemas. Tem os poemas religiosos, os poemas amorosos, os poemas satíricos. E nesses poemas satíricos, sobretudo, a história e a geografia estão muito presentes. Quer dizer, ele faz poemas de crítica social, ele tem poema sobre a condição da mulher negra, por exemplo. Fica claro a diferença que ele estabelece entre a mulher negra e a mulher mulata, por exemplo. A mulher negra como, antecipando um pouco “O Cortiço” de Aluísio Azevedo séculos depois, a mulher negra como uma figura abrutalhada, grosseira, própria para o trabalho braçal, digamos físico, e a mulher mulata como um padrão de beleza, como um objeto mais refinado, e como fonte de prazer sexual. E, essa poesia que o Gregório faz da condição social, da circunstância social, vai pôr a mão na ferida de algumas coisas que já estão em formação nessa cultura brasileira, e na sociedade brasileira, que de certa forma algumas coisas que são insolúveis até hoje, e que permanecem como flancos vulneráveis da sociedade brasileira. De qualquer forma, é uma poesia que, ele era juiz de direito, a gente sabe, tinha uma vida pessoal muito escancarada, muito incorreto, politicamente falando, mas que de certa maneira ele está atento. É uma poesia do prazer e do dever ao mesmo tempo. Quer dizer, o prazer terreno, etc e tal, e aquele medo, não é, das entidades religiosas, extraordinário. Ele tem soneto para Jesus Cristo, por exemplo. Um famoso dele aí: “Pequei, Senhor; mas não porque hei pecado, da vossa alta clemência me despido”, que são poemas extraordinários. Quer dizer, é um homem completamente dividido entre o céu e a terra. Agora, quando era o céu, é um esparramo de culpa. E quando é na terra é um esparramo de prazer.

Gregório de Matos

Patrono da cadeira número

**01:10:45:19**

**OFF**

“A cada canto um grande conselheiro,  
Que nos quer governar cabana e vinha;  
Não sabem governar sua cozinha,  
E podem governar o mundo inteiro.

Em cada porta um bem frequente olheiro,  
Que a vida do vizinho e da vizinha  
Pesquisa, escuta, espreita e esquadrinha,  
Para o levar à praça e ao terreiro.

Muitos mulatos desavergonhados,  
Trazidos sob os pés dos homens nobres,  
Posta nas palmas toda a picardia,

Estupendas usuras nos mercados,  
Todos os que não furtam muito pobres:  
E eis aqui a cidade da Bahia.”

*O poema descreve o que era naquele tempo a cidade da Bahia*  
Gregório de Matos

**01:11:35:16**

**Antonio Dimas – Doutor em literatura**

A biografia dele também é muito controversa. Se você fosse constituir uma linhagem de boêmios na literatura brasileira e uma linhagem de certinhos, digamos assim, sem dúvida nenhuma ele seria o padrão inaugural dos boêmios. Porque as estórias que se contam do Gregório de Matos, que ficaram na imaginação popular, que ficaram no anedotário popular, são terríveis. Beberão, mulherengo, meio violento. Digamos que a vida do Gregório, tanto a pessoal quanto a profissional, foi atribulada. Tem um termo que eu gosto muito, sobretudo à partir do Jorge Amado, baiano como o Gregório. É a turma de bandalhos da literatura. E alguns poetas, inclusive, que tem uma posição muito séria aparentemente, mas que também tinha esse lado meio “off the road”. Eu acho que essa poesia, essa literatura precisa ser mais conhecida. Quer dizer, esse lado mais perverso, mais diabólico da literatura, que a universidade, insisto, se puder, deixa de lado. Se puder, pula. Se puder, ignora. Se puder ela faz de conta que não existe. E que é, ao meu ver, moralismo da universidade.

**01:13:12:21**

**OFF**

“Se Pica-Flor me chamais,  
Pica-Flor aceito ser,  
Mas resta agora saber,  
Se no nome, que me dais,  
Meteis a flor, que guardais  
No passarinho melhor!  
Se me dais este favor,  
Sendo só de mim o Pica,  
E o mais vosso, claro fica,  
Que fico então Pica-Flor.”

*A outra feira, que satirizando a delgada fisionomia do poeta lhe chamou Pica-Flor*  
Gregório de Matos

**01:13:46:15**

VINHETA – Estamos apresentando  
Imortais da Academia

**01:13:44:15**

VINHETA – Voltamos apresentar  
Imortais da Academia

**01:14:04:22**

**OFF**

A cadeira dezesseis é inaugurada por um expoente da crítica literária. Araripe Júnior conquistou fama com seu jeito direto e irreverente de comentar os colegas escritores. Ao lado dos também fundadores da ABL Sílvio Romero e José Veríssimo, Formou a tríade de críticos mais importante do final do século dezenove.

**01:14:20:01**

**Regina Lúcia de Faria – Doutora em Letras**

Araripe Júnior era do Ceará e ele faz parte da Escola de Recife, que fez parte também da Escola do Recife o Sílvio Romero, e de uma certa maneira, tanto Sílvio Romero quanto Araripe Júnior e Veríssimo, assimilam o conhecimento científico da época, o aparato científico da época. E naquela famosa trilogia de Taine, o meio, a raça e o momento histórico, ele lança mão, para ele determinante para a análise da cultura e de um determinado povo seria o meio. Então ele vai desenvolver aquele estilo, o famoso estilo tropical. O português, o colonizador, o europeu ao vir para o Brasil eles foram tocados pela exuberância da natureza. Durante a viagem eles sofreriam ação do meio, e de uma certa maneira as tradições, os costumes, as leis assimiladas na Europa aqui sofreriam uma suspensão, o que ele chamava de obnubilação brasileira. É o estilo tropical. Que seria, o que ele vai chamar atenção dos nossos escritores.

Araripe Júnior  
Fundador da Cadeira 16

**01:16:26:08**

**OFF**

O satírico é sempre um psicólogo. Os espetáculos que o ferem e impressionam são os da alma humana; o seu campo de operações é o dos costumes. Já se vê, portanto, que Gregório de Matos não podia ser atraído pela paisagem. (...) De fato, não há entre as poesias do autor do *Marinícolas* um só verso que de longe ao menos traduza o bucolismo da vida brasileira daqueles miraculosos tempos. O gênio de Gregório de Matos era de guerra.

*Gregório de Matos*  
Araripe Júnior

**01:17:07:05**

**Antonio Dimas – Doutor em literatura**

O Araripe vai se dedicar a certas figuras que são, digamos, ainda periféricas ou emergentes na literatura. É o caso do Gregório, por exemplo. Ele foi o primeiro a dedicar um longo ensaio para o Gregório de Matos. Eu acho que o primeiro ensaio longo sobre o Gregório de Matos é do Araripe Júnior. Então Araripe realmente era uma espécie assim de cidadão, que ao contrário do José Veríssimo e ao contrário do Sílvio Romero, era um figura que meio que corria por fora, chamemos assim. Ora, porque que o Araripe, além dele se dedicar a figuras assim, digamos assim, extraordinárias, nos sentido de que, como o Ibsen ou como Gregório de Mattos, ele foi muito atento a produção de época. Quando você lê a obra do Araripe de ponta a ponta, uma coisa que eu acho extraordinária que ele faz um, não é num determinado ensaio. Quando você lê um ensaio aqui, um ensaio ali, você percebe que ele constrói um arco sobre a narrativa

ocidental, que começa mais ou menos com Vitor Hugo, e ele vai percorrendo esse arco e mostrando como é que o romance foi se tornando cada vez mais econômico. Quer dizer, a estória contada de maneira mais seca, mais objetiva. E inclusive, nesse sentido curioso quando ele mostra, por exemplo, num determinado momento que o padrão de comportamento mais econômico, mais enxuto é o Flaubert. Acho que o Araripe, apesar de não ter, acho, infelizmente, ocupa o mesmo patamar que o Romero ou o Veríssimo, eu acho que só isso já vale, pensando nas nossas condições, já vale como um enorme aprendizado, como uma enorme escola.

**01:19:04:25**

**OFF**

O gosto literário de Araripe Júnior denunciava um traço recorrente na cadeira dezesseis: a ousadia.

Atributo presente desde o fundador e o patrono, perdura ainda na atual ocupante.

Lygia Fagundes Telles, tanto na vida quanto na obra, rompeu barreiras de estilo, de época, de costumes.

**01:19:36:05**

**Lya Luft – Escritora**

A Lygia é uma escritora completamente fora do comum e corajosa, porque naquela época que ela fazia direito e era engajada em política, depois casou com seu professor, que era muito mais velho, que era o Goffredo da Silva Telles, que era viúvo e se apaixonou por ele, e casaram. Então ela sempre teve uma coisa muito afirmativa, audaciosa. Porque antes dela haviam algumas escritoras: Dinah Silveira de Queiroz, a Rachel, mas ela foi uma das primeiras que abriram o caminho da gente, que vieram depois como a Nélida, Adélia, eu e outras, no sentido de mostrar que literatura de mulher não é literatura de amenidades. Que aborda os temas mais obscuros, mais tabus, mais complicados. E essa questão do masculino e feminino é uma coisa que a gente se bate sempre muito, a Nélida, a Lygia e eu, de que é uma distinção muito ruim de se fazer, embora toda hora se pergunte. Me lembro que um dia eu fiquei aborrecida, assim, não muito, quando um crítico disse que eu, elogiou muito um livro meu dizendo “Lya Luft é mulher mas escreve com mão de homem.” Eu fiquei furiosa com aquilo. Quer dizer pra escrever bem eu tenho que escrever com mão de homem. Então mulher ainda escreve, aquela estória que a Lygia também fala, escreve poemas sentimentais na última página do caderno de receitas. Na cozinha de preferência. E eu acho que ela leva sempre aquela lição de coragem, de romper esse padrão bastante burro, né? De achar que a mulher ainda não deveria tocar certos assuntos.

Lygia Fagundes Telles

Posse em 1987

**01:21:19:07**

**OFF**

“Ana Clara contou que tinha um namorado que endoidava quando ela tirava os cílios postiços, a cena do biquíni não tinha a menor importância mas assim que começava a tirar os cílios, era a glória. Os olhos nus. Em verdade vos digo que chegará o dia em que a nudez dos olhos será mais excitante do que a do sexo. Pura convenção achar o sexo obscuro. E a boca? Inquietante a boca mordendo, mastigando, mordendo.”

*As Meninas*

Lygia Fagundes Telles

**01:22:05:15**

**Antonio Dimas – Doutor em literatura**

O grande espaço humano da Lygia é o espaço da classe média. Na sua grande, na sua grande maioria os contos da Lygia são pessoas assim de aparência comum, que tem as suas atividades, que trabalham e que se divertem de uma maneira saudável. Quer dizer, não existem extremos. Por exemplo, você não vê na narrativa da Lygia, até onde eu me lembre, e se tiver é exceção. Isso realmente seria exceção. Personagens miseráveis, pobres. Não há nada disso. É um olhar meio metonímico. É o olhar o detalhe. Ela vai no detalhe, ela vai no detalhe. Esse narrador da Lygia, ela vai sempre numa, no mais inesperado. Eu acho que é um engajamento de atenção ao mundo circundante. O que interessa para um escritor como a Lygia, e ela, claro, não é a única que faz isso com maestria. Muitos outros que fazem isso, muito bem no Brasil. É exatamente essa capacidade meio que de desmontar a sociedade, sobretudo a nossa que vive de momentos, isso é patético observar, mas a nossa cultura que vive momentos entre a depressão e euforia. Hora nós estamos deprimidos, hora nós estamos eufóricos. A Lygia é capaz, de digamos assim, navegar ou trafegar numa camada capaz de mostrar que esses dois extremos existem, e se perguntar até que ponto isso é saudável, e deva ser desse jeito.

**01:23:45:14**

**Lya Luft – Escritora**

Nas “Meninas” está exatamente a visão dela da política. O que é o homem político, ser político, o que é ser engajado, o que vale a pena, não vale a pena, etc. Tem ali a personagem a menina que é a guerrilheira, tem a menina que é a drogada, tem a menina que é de família chique, fina, naquela solidão, que é a Ana Clara. Eu acho que ali está, assim, pontual, maravilhosamente, a visão que a Lygia tem do Brasil e da família, do ser humano brasileiro. Ela tem uma crítica sempre muito boa contra essa alta aristocracia, que está fora do mundo, que no fim é uma coisa que muitas vezes apodrecida por dentro e por baixo. Essa é uma crítica permanente dela, falsa moral e etc.

Lygia Fagundes Telles

Posse em 1987

**VIDEOGRAFISMO**

Cadeira 16

Patrono – Gregório de Mattos

Fundador – Araripe Júnior

Félix Pacheco

Pedro Calmon

Atual – Lygia Fagundes Telles